

A LAGRIMA

BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE BARCELLOS

PUBLICAÇÃO RECREATIVA

O LEGADO DA SARDINHA EM ABBADE DO NEIVA

Eu, gentilissimas leitoras e condescendentes leitores, que, como *Miguel das Maximás* e muitos outros, necessito recorrer ao santo e animoso trabalho para por meio d'elle poder angariar os principios elementares da vida, essa tarefa pezada porque todos luctamos n'este ingrato mundo, achava-me sentado em um dos bancos da «Loja do Povo», á Calçada, no domingo precedente, fumando um brejeiro e descansado da lufa-lufa que tive toda a semana, quando, inesperadamente e como que por encanto, me surgiram seis rapazes das minhas mais intimas relações, todos muito alegres e satisfeitos da sua vida, os quaes, com logica persuasiva e ditos finos e espirituosos, entremeados de sonoras gargalhadas, me desafiavam a que fosse com elles ver a *distribuição da sardinha* em Abade do Neiva, uma das freguezias ruraes do nosso concelho.

Depois de me terem pintado com as côres mais garridas e entusiasticas a tal *distribuição da sardinha* e de se discutir o modo como nos haviamos de conduzir se de vehiculo ou a pé, não pude furtar-me ao convite que os meus amigos me faziam, e eis-nos Campo da Feira a cima, com direcção á casa do Cardoso, para fretar-mos um carro.

Installados que fomos dentro d'elle, seguimos essa encantadora estrada que conduz d'esta vila a Vianna do Castello, e, depois de termos deixado

os campos de milho, que se succediam uns aos outros com rapidez vertiginosa, e os grandes pinhaes que desfilavam como pelotões de soldados em mercha, deparamos com uma antiga egreja e respectivo campanario em forma de castello, e em cujo adro se agglomeravam centenas de pessoas de ambos os sexos e diferentes idades. Esperava-se a *distribuição da sardinha!*

Curioso dêsaber de boa fonte qual o motivo porque os abbadenses davam uma sardinha e uma fatia de pão a cada individuo que ali se encontrasse, fui-me chegando para um lavrador de suissas grisalhas, chinelas de couro de Guimarães, e calças de linho cru, cujos botões por estarem fora de suas respectivas casas deixavam bambolear o arredondado abdomen, e principiei por lhe perguntar qual o motivo d'aquella dadia.

«isto que você vê—disse-me o bom lavrador—foi uma deixa que deixou um homem que aqui havia chamado Zacharias Macario, que vinha a ser tio do sacristão da Misericordia de Barcellos, cujo falleceu ha coiza d'um anno para traz».

Mas que esquisitice foi essa—tornei eu—a do tal Zacharias deixar como esmola uma sardinha e pão?

«Olhe seuhor»—retorquiu o lavrador—«o dito Macario não condiçoou no testamento que se dessem sardinhas e pão, mas sim que se repartisse, igualmente, pelos probes da freguezia o juro do capital de 400:000 rs. com a

A LAGRIMA

obrigação de cada um dos dos contemplados rezar um padre-nosso por alma do fallecido defunto».

E, porque razão é que não se cumpre a disposição do testador, dando-se dinheiro em vez de sardinhas?

«E' porque, senhor, os encarregados de cumprir o legado entendem que dando dinheiro não podem fazer a provisão que fazem, pois alguns ha que comem sardinhas todo o anno por conta do dito legado!».

Propunha-me já a condegnar tamanho abuso, quando de repente sinto pucharem-me pelo casaco; voltei-me e—espanto meu—deparo com dois homens em mangas de camisa que me offereciam uma bôa fatia de pão de milho e uma bem chamuscada sardinha. Agradei-lhes e disse-lhes que não queria, porem os taes homensinhos olharam-me com tão fei cara, que não tive remedio senão aceitar.

Depois de me ver com tudo aquillo na mão, dispunha-me a retirar-me a um canto, para que os meus companheiros me não vissem—pois era contar com uma caçoada medonha—e pera fazer offerecimento do que me tinham dado a qualqner pessoa que d'elle se quizesse utilizar, quando vi, oh ceos!, todos os meus companheiros em identicas circumnstances: tambem carregados de sardinhas e brôa, a olharem uns para os outros, muito compromettidos.

Olé... os amigos tambem *abicharam*, perguntei eu.

Que remedio tivemos nós senão aceitar tudo isto que vez, fomos quasi que obrigados a fazel-o, responderam-me elles. Não tem dauida, fuisse-lhes, saiamos d'aqui e fazamos entrega de tudo isto a qualqner mendigo que encontremos—annuiram.

Quando resolvidos a fazel-o, ouvimos uma vozeria insurdecadora e de to-

das as boccas, que até então se entretinham em saborear a brôa e respectiva sardinha, sairem doestos e vociferações contra nós. Dizia-se, no meio de grande aranzel, que nós não comia-mos porque não queriamos resar por alma do *defunto morto* e que nós não rezava-mos porque era-mos ateus, pedreiros livres e masonicos—O diabol!

A' vista de tudo isto e do mais que poderia-mos ver, porquanto, se faziam já para nos correr á pedra, houve-mos por bem bater em ligeira retirada a *calcantibus* até Barcellos,—ainda que com inergico protesto dos callos—porque o carro que nos tinha conduzido, não tinha voltado ainda para nos trazer, e nós não tinha-mos tempo para considerações.

Ahi tendes, caros leitores, a synopse do *legado da sardinha* e um bom meio de vos distrahirdes depois de uma semana de trabalho insano.

O PESCADOR

(a Augusto T. de Mello)

Lenta mente descia a tarde. O sol, como que já cansado do seu curso pelo azul do ceu, deixava-se cahir preguiçosamente no horisonte; e os seus ultimos raios reflectiam, como um jorro de luz de sangue, por sobre o crystalino Atlantico. As ondas, marulhando canções graves, batiam-se nas fragas e vinham morrer á praia, onde ao longo d'ella deixavam a poz si uma franja de espuma de neve.

Dispersas pela praia se viam grande numero de pessoas; umas sentadas, outras passeiando, animadamente, e entregues a conversas intimas, gozando as delicias d'uma acariciadora viração crepuscular que perpassava suavemente pelo arvoredo.

A LAGRIMA

É em quanto o convívio continuava alegre na praia, e as loiras crianças corriam e saltavam, como um bando de borboletas, pela extensão da areia, fugindo das vagas que lhes vinham beijar os seus pequeninos pés, e as suas infantis risadas de crystal se misturavam com as harmonias profundas do mar, a pouca distancia se descobria uma mulher, ainda moça, sentada sobre um rochedo, n'uma attitude triste e pensativa.

Com o rosto moreno e sympathico apoiado sobre a mãos não dava attenção ao que se passava em seu torno. Os seus olhos, tão bellos como meigos e expressivos, estavam fitos, n'um doce e offegante enleio, no largo horizonte do oceano por onde o seu pensamento voava, e as brancas velas ondulavam ao vento.

Era a Rosita do José da Hora.

*

A noite tinha estendido o seu manto de trevas; as estrellas brilhavam como saphyras no infinito; o toque solemne da *Ave-Maria*, tinha soado tristemente; e... a Rosita, lá estava sentada sobre os rochedos, esperando pela chegada do objecto que tanto anhelava, desde o cubir da tarde.

Muitos barcos de pesca tinham aportado a terra; um berreiro de vozes roucas se espalhavam com os murmúrios das ondas, pelo espaço. Mulheres de pescadores conduziam ás costas molhos de redes da pesca para as suas humildes casas; e os homens do mar, cansados d'um laborioso e ariscado trabalho, traziam ao-collo os seus tenros filhos.

A praia estava quasi deserta; alguns vultos se divisavam por entre as sombras da noite; e a Rosita, aquella linda e morena rapariga, perdida a esperança da volta do seu querido José, retirando-se, murmu-

rou, tristemente, melancolicamente:

—Não vem hoje!

E ella, isolada sobre aquelles rochedos; esperava-o com essa anciedade e amor para receber ainda o primeiro beijo de noivado!..

*

A Rosita era noiva, desde manhã, do José da Hora. Este, logo que a recebeu, foi obrigado pela companhia a que pertencia, ir para o mar á pesca.

E ella, passando a primeira noite de nupcias encostada a uma cadeira, envolvida n'uma voluptuosa languidez, elle, o filho do mar, passou-a em laboriosos trabalhos, sobre a immensidade das aguas!

.....
E n'essa noite de noivado, o calix da rosa em botão não se abriu aos doces e perfumados osculos do hymeneu!..

Barcellos

Julio Cavado.

Galeria de homens illustres de Barcellos

VI

Zé das Angustias

Sic itur ad astra!

Quando Zé das Angustias apparece n'uma tabacaria da rua Direita, d'esta villa, ou em uma das mercearias do campo da Feira, formam-lhe circulo respeitoso e attento dezenas de individuos, interessados apenas em ouvil-o. Fala que nem um livro! Quando fala, ninguem respira; e quando se cala calam-se todos para o tornarem a ouvir. E porque? Porque cada palavra é uma lição. Elle tem sempre em lembrança o que disse Pythagoras, «cala ou diz coisa melhor o silencio» mas tem tambem a consciencia da sua erudição,—e, por isso, concede aos seus numerosos ouvintes prelecções noturnas.

A LAGRIMA



Zé das Angustias

Quem o não conhece? Quem o não corteja, a elle, rei da litteratura, cujo sceptro a penna, cujo povo as letras?

Quem não conhece aquella grande cabeça que a cada passo nos segreda uma estrophe singela e melodiosa que uns vagos amores lhe despertam?

Quem não conhece Zé das Angustias? Quem não leu ainda alguns de seus versos?

Olhae e vede a sua intelligencia transparecer nos seus escriptos:

Se eu fora do sol os seus raios ardentes
Em teu alvo sóis quisera brilhar,
Se fora pomba que ao céu m'elevasse,
Lá bem do alto te quisera fitar.

E cada um d'estes versos ha um,
anciar indefinivel, um vago aspirar

uma suavidade indizivel e uma como
que miragem que attrahe o poeta, que
os alenta! Parecem aquelles versos
de V. Hugo:

Ah! que se eu fora rei daria o meu reinar
A gloria, a coroa, o sceptro, e todos os bens meus,
E em troca pediria de ti um doce olhar,
Um doce olhar dos teus.

E' Zé das Angustias o poeta me-
lhor que Portugal tem produzido nos
ultimos tempos!

Um dos nossos primeiros criticos
referindo-se-lhe, diz assim:

«Zé das Angustias possui uma
rhythmoea espontanea. Sae-lhe o
verso moldado pela idéa e pelo senti-
mento, e n'este como n'aquella a mo-
dulação existe pelas variantes dos es-
tímulos e das vibrações cerebraes».

Dito isto que mais podemos nós
dizer?

*

E' Zé das Angustias baixo; as suas
feições são rudes, mas não deixa
porisso de ser sympathico; a sua al-
ma é pura como a d'um santo; tem
22 annos, nasceu n'esta villa no dia de
S. Matinho, de cuja confraria é juiz;
tem varios exames. É socio da Acade-
mia das Sciencias da França; é socio
benemerito dos bombeiros d'Espozen-
de e correspondente d'esta villa para
o *Times* e *Petit Journal*.

Zétil.

ENYGMATA

